

Globalizing Roman Culture – unity, diversity and empire¹

Pedro Paulo A. Funari

Os estudos sobre a Antigüidade têm estado ao corrente das discussões epistemológicas das últimas décadas, nas Ciências Humanas e Sociais. Os modelos normativos de interpretação – ancorados nas noções de valores compartilhados (*belonging*), de homogeneidade social e de respeito às normas (*law and order, nomos kai taksis*) – foram bastante criticados também no âmbito da *Altertumskunde*. Um segundo aspecto foi submetido à crítica: a falta de reflexão teórica. De fato, a tradição de descrever o passado como se ele pudesse ser descrito *es eigentlich gewesen* (como propriamente aconteceu), a partir de uma simples transposição do homem de hoje como se ele vivesse em outra época – com o uso do que se chama em inglês *common sense* – também foi questionada. Os antigos eram diferentes de nós e não basta usarmos do bom senso para interpretar seus usos e costumes. Por último, mas não menos importante, a Arqueologia tem sido fundamental para repensar os próprios parâmetros sobre a Antigüidade, como lembrava Geza Alföldy há duas décadas. Este volume representa, muito bem, estas três tendências.

Hingley começa o volume com um capítulo sobre “O passado no presente” (p.1-13), pois os estudos do passado se inter-relacionam com os interesses e preocupações do presente. Muitos estudiosos costumavam usar suas fontes para construir grandes narrativas históricas, basean-

do-se no status canônico do conhecimento clássico e na suposta objetividade da pesquisa científica. Os textos clássicos eram considerados com uma fonte privilegiada para interpretar o material arqueológico. Desde a década de 1980, muitos historiadores e classicistas re-definiram seus temas em termos mais dinâmicos, a partir do pós-modernismo, assim como arqueólogos fizeram o mesmo, com o pós-processualismo. Nesses vinte anos, muitos estudiosos mostraram que o estudo da História nunca pode ser independente do contexto em que se produz. O estudo do mundo romano foi afetado por essas perspectivas. Ao mesmo tempo, as teorias sobre nosso próprio tempo inspiraram-se na releitura dos antigos, como no caso de Michael Hardt e Antonio Negri. A Arqueologia contribui com perspectivas da vida quotidiana das pessoas comuns, tema que aparece ao longo de todo o livro.

Em seguida, Hingley trata das mudanças nos conceitos de identidade romana e mudança social. Demonstra como o termo “romanização” foi usado como conceito normativo ligado a ideologias imperiais modernas. As críticas, nestas últimas décadas, enfatizaram que as pessoas têm como determinar suas vidas (*agency*) e que as identidades são flexíveis e fraturadas. Buscaram-se as reações nativas aos romanos, mas as concepções normativas e imperialistas continuaram a descrever a “superioridade natural” dos romanos, como no caso famoso de Ramsey MacMullen: os romanos eram superiores, como

¹HINGLEY, Richard. London & New York, Routledge, 2005, 208p. ISBN 0415351758.

Pedro Paulo A. Funari é professor titular de História Antiga, Departamento de História, coordenador-associado do Núcleo de Estudos Estratégicos, Universidade Estadual de Campinas. Cx. Postal 6110, Campinas, SP, 13081-970. E-mail: ppfunari@uol.com.br

Textura	Canoas	n. 14	jul./dez. 2006	p.101-102
---------	--------	-------	----------------	-----------

nós, norte-americanos. Muitos outros, contudo, preferiram introduzir ou re-introduzir as relações de poder, os conflitos e a diversidade social. Apresenta a cultura erudita romana, para enfatizar que houve usos instrumentais que levaram à própria longevidade do império em todo o Mediterrâneo. A identidade romana, como instrumento de poder, não se baseava em etnicidade, nacionalidade, grupo lingüístico ou ascendência, mas no status herdado, atingido ou recebido. O exército exercia papel importante de mobilidade social para não-cidadãos, rumo à cidadania. O uso do latim era uma dessas marcas de status, idioma do imperialismo, língua aprendida, mais do que materna. A maleabilidade dessa “cultura romana comum” de elite foi essencial para seu êxito.

Volta-se, então, para os elementos materiais da cultura de elite, como a toga, raramente usada, mas símbolo de distinção de toda maneira. Outros aspectos do mundo material foram mais expandidos, como a cidade quadriculada, as estradas pavimentadas, os edifícios públicos (termas, templos, fórum, teatros, circos, anfiteatros, entre outros), mas também o espaço doméstico. Apesar dessas tendências centrípetas, Hingley lembra as identidades em fragmentação e apresenta alguns exemplos muito sintomáticos, como no caso dos auxiliares batavos estacionados na Bretanha romana. Falantes de sua própria língua, esses soldados dominavam o latim e a escrita, eram romanos e batavos ao mesmo tempo. A cerâmica terra sigillata, por uns interpretada como sinal de romanização, foi por outros considerada expressiva de iden-

tidades locais, galo-romanas. A pesquisa arqueológica – que por tantas décadas buscou o “romano” – começou a descobrir uma pletora de aspectos matéris distantes dos ideais canônicos, como no caso das aldeias e dos assentamentos rurais. Chama a atenção para o fato que as abordagens que buscam a identidade romana costumam deixar de lado os pobres e todos os que estavam menos ligados ao sistema imperial, ou seja, a imensa maioria. Conclui que os estudos sobre os romanos deveriam continuar a ajudar-nos a interrogarmos nosso próprio mundo e valores. As novas abordagens vêem o império como um conjunto intrincado de desigualdades. Menciona, como exemplos, o estudo da imposição violenta da nova ordem imperial, do genocídio, deportação e exploração das sociedades marginais. Visões que tratam dos conflitos e da violência, negociações e acomodações. O autor conclui que apresentou um relato que reage à idéia que uma interpretação coerente poderia dar uma explicação para a complexidade da evidência. Uma abordagem alternativa – defendida por Hingley e por muitos outros – consiste em considerar que nossos escritos sobre as mudanças sociais deveriam criar uma arena mais ampla para acomodar o debate e uma variedade de interpretações, já que a diversidade de visões é uma parte integral da dinâmica que leva o conhecimento adiante. Ao adotarmos abordagens e interpretações que refletem as perspectivas mutantes do Império e da globalização, nossos estudos do mundo romano continuarão a fornecer novos e valiosos *insights* sobre nossa própria situação hoje.